

INTRODUÇÃO CRÍTICA

AVES DE ARRIBAÇÃO, ROMANCE DIFERENTE

OTACÍLIO COLARES
da Academia Cearense de Letras

CHEGANDO AO RIO nos primeiros dias do ano de 1897, logo me apresentei a José Veríssimo, com quem já me correspondia daqui, e ele, por sua vez, me apresentou aos comensais da *Revista*, que eram — Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Visconde de Taunay, Araripe Júnior, Barão de Jaceguai, Lúcio de Mendonça, Silva Ramos e Graça Aranha, que era comigo o mais moço do grupo.

Quem assim escrevia, já amadurecido e em idade provecta, na pacatez de sua capital provinciana, num livro precioso de crônicas memorialísticas¹ era o poeta e polígrafo cearense Antônio Sales, sem sombra de dúvida, a mais representativa figura de homem de letras do Ceará, por espaço de meio século.

Da leitura do trecho com que abrimos esta apresentação, conclui-se que seu autor, desde muito moço, desfrutava de real prestígio no seio da alta intelectualidade brasileira, à frente a figura respeitada e aureolada de glória, em vida, que era o autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*.

Na verdade, Antônio Sales foi, talvez, ao longo de sua prolongada trajetória literária, o mais prestigiado, em vida, de quantos, vivendo a maior parte de sua vida na província, tinham livre tráfego no Rio de Janeiro, então, mais do que nunca, a capital da cultura brasileira. Isto, naturalmente, consequência de uma série de circunstâncias que cumpre alinhadas.

Nascido no lugarejo praieiro de Parazinho, na então vila de Paracuru, não muito distante da ainda modesta cidade da Fortaleza, capital do Ceará, o evento se deu em 13 de junho do ano de 1868, ao tempo, portanto, em que Machado de Assis, já ajudante de diretor do *Diário Oficial*, no Rio de Janeiro, contratava com a Garnier, consagradora, a edição dos seus *Contos fluminenses* e das poesias que comporiam o volume intitulado *Falenas*. Tempo também em que o primoroso escritor contraía núpcias com Carolina Augusta Xavier de Novais, de tamanha e decisiva influência no comportamento intelectual do autor de *Dom Casmurro*.

¹ Antônio Sales. *Retratos e lembranças* (Reminiscências literárias). Fortaleza, Waldemar de Castro e Silva — Editor, 1938.

A ilação que, desde agora, procuramos fazer da vida e personalidade de Antônio Sales com o mestre de *Memorial de Aires* não deixa de ter seus fundamentos, dado que o primeiro, aos 29 anos, ou seja, em 1897, saía já do Ceará quase completamente destituído dos puridos intelectivos românticos, encontrados em sua poesia juvenil de *Versos diversos* (1888-90) e *Trovas do norte* (1891-94), impregnado já, como seus companheiros da célebre “Padaria Espiritual”, herdeira indiscutível da estética materialista da precursora “Academia Francesa do Ceará” (1870), de um ideário menos idealístico e mais realístico, que outra coisa não seria senão, no final de contas, o do autor de *Várias histórias*.

Antônio Sales foi, antes de tudo, uma sensibilidade sob controle. Com ele, desde os primeiros passos, a emoção foi contida em padrões que subentendiam, precipuamente, severo espírito de auto-análise e autocrítica.

Tendo assumido, desde o advento da já citada “Padaria Espiritual” (1890), quando contava apenas 22 anos, uma espécie de liderança natural entre os companheiros, daí ter sido permanentemente o secretário da significativa entidade literária e o autor de seu curioso estatuto-manifesto, procurou, desde então, resguardar seu nome do perigo de ser dado como tutor de gestos pessoais ou coletivos inquinaáveis de ousos demais. . .

Autodidata e descendente de família modesta do interior, pode-se calcular quanto deve ter sido seu esforço para, desde cedo, ir ajeitando discernimento e cultura, uma cultura que lhe dava uma ampla visão do mundo e que incluía o domínio do português, do inglês, do castelhano e seu tanto do alemão, o que lhe assegurou, ao longo da própria evolução, como homem de letras, aprofundado conhecimento das diversas literaturas. Uma cultura e um equilíbrio mental por tal forma significativos que, cedo, dar-lhe-iam oportunidade de privar da correspondência do crítico José Veríssimo e da companhia diária, quando no Rio, do mestre Machado de Assis.

Deve ser ainda levado em conta que, no seio da “Padaria Espiritual”, ao lado do autor de *Versos diversos*, havia talentos criadores do porte de Rodolfo Teófilo, Pápi Júnior e Adolfo Caminha, este último destinado a, em pouco tempo, projetar-se nacionalmente, como um dos autênticos vanguardistas da ficção naturalista no país. Isto sem esquecer que, entre os integrantes do “Centro Literário”, grêmio congênere do anteriormente citado, oriundo aliás de uma dissidência entre integrantes daquele, havia um Guilherme Studart, um Justiniano de Serpa, um Rodrigues de Carvalho, paraibano radicado no Ceará, um Álvaro Martins, enquanto, da mesma geração, mas integrante da agremiação denominada “Clube Literário”, de 1886, intermediária da “Academia Francesa”, da “Padaria Espiritual” e do “Centro Literário”, havia que destacar, na genialidade da sua juven-

tude, Oliveira Paiva, poeta de preocupações regionalistas e também ideológicas, contista extraordinário e autor dos romances *A afilhada*, de enredo e costumes urbanos, e *Dona Guidinha do Poço*, de cunho regionalista interiorano, que viria a ser, meio século após a morte de seu autor, como que redescoberto e devidamente valorado pela acuidade e o prestígio crítico de Lúcia Miguel Pereira.

Pois, entre valores tantos e tais, sempre, desde bem moço, Antônio Sales logrou assumir posição de relevância que lhe outorgava, aparentemente sem esforço, uma liderança intelectual natural, fruto, evidentemente, da, vamos dizer, prematura situação a que chegara, em face das elites literárias nacionais.

Não vai mal, aqui, ainda, citar outro trecho da sua página de memória "Uma companhia ilustre", na qual, com uma espécie de humildade que resumava íntima vaidade, escrevia o autor dos poemas de *Minha terra*²:

E foi nessa feia e pobre sala da travessa do Ouvidor que veio ao mundo a Academia Brasileira de Letras. Foi Lúcio de Mendonça seu verdadeiro fundador e pai legítimo. O ilustre magistrado, ministro do Supremo Tribunal, poeta e prosador, um dia, apareceu no escritório da *Revista Brasileira* agitando essa idéia (A criação da Academia).

Devo alertar que ela não foi recebida com alvoroço, pelo menos da parte de alguns habituais da roda ilustre. Lembro-me bem que José Veríssimo, pelo menos, não lhe fez bom acolhimento. Machado, também, creio, fez a princípio algumas objeções. Mas Nabuco e Taunay e outros concordaram e restava a discutir-se o meio de constituir-se o primeiro grupo de imortais. Ora, este meio só podia ser a escolha que membros desse grupo fariam de si mesmos. Um certo número de escritores comporiam um núcleo de dez ou doze e depois indicariam os outros. *Mas esse meio de indicação própria repugnava a alguns espíritos discretos.*

.....

Interrompemos aqui a citação, apondo grifos ao último período, porque concluímos que o próprio Sales estaria no grupo que classificou como "espíritos discretos" . . .

Saltemos trechos em que, na referida crônica, Antônio Sales alude discretamente ao compadrio na escolha dos nomes, demorando-se em pormenores sobre a insistência de Machado de Assis para inclusão, entre os fundadores, do nome de seu discípulo predileto, Graça Aranha, que, no dizer do memorialista mordaz, como bagagem literária, tinha apenas a roupa do corpo, e mais sobre a divisa que ele, Sales, indicara para o grêmio a ser fundado — "Esta a glória que fica, eleva, honra e consola"³, preterida pela maioria em favor da latina, de autoria de Nabuco: *Ad immortalitatem.*

² Antônio Sales. *Minha terra* (Poesia). Fortaleza, Tip. Moderna. Carneiro & Cia., 1930.

³ Sales não assinala a autoria do alexandrino, na sua memória. O verso é de Machado de Assis.

Agora, porém, consideramos oportuno continuar a citação interrompida, e o fazemos na parte em que o memorialista escreve:

Veríssimo pediu-me então que escrevesse para a *Revista* um estudo sobre os quarenta acadêmicos, convite que muito me honrou, mas me pareceu acima de minhas forças. Afinal, com dados fornecidos pelos próprios interessados, escrevi o trabalho — *Os nossos acadêmicos* — publicado em vários números da *Revista* e que muito me serviu para a minha apresentação ao meio literário da capital do país.

.....

Eu tinha apenas três meses de Rio de Janeiro, e esses artigos me criaram muitas relações e simpatias. Posso afirmar que eles me teriam valido a entrada para uma das primeiras vagas da Academia se eu não tivesse tido o escúpulo de apresentar-me com tão pequena bagagem. Resisti às instâncias cativantes de Machado de Assis, de Taunay, de Lúcio de Mendonça e, sobretudo, de Raimundo Correa, que se fizera o propagandista de minha candidatura, e não se conformou com a minha esquivaça.

Depois, os meus amigos mais íntimos morreram ou se ausentaram, e, mais que nunca, eu afastei do pensamento a idéia de pleitear um lugar na ilustre companhia.

Nosso intuito, com as citações, a par do interesse de mostrar o moço Antônio Sales perfeitamente integrado, ainda em fins do passado século, com o papado literário da Metrópole e, portanto, do país; o escritor extremamente pundonoroso e cômico do próprio valor, que, mesmo com o passar do tempo e progressivo aumento do prestígio, reiteradamente recusara candidatar-se ao “Cenáculo” que, praticamente, ajudara a instalar. Somente que, no caso de suas recusas, era ojeriza ao sistema tradicional de pedir votos, de um a um dos imortais, gente amiga, quando não de menor valor, com tal ponto de vista concordando o memorialista Pedro Nava, autor de uma série magnífica de volumes de memórias, já agora em seu quarto tomo, que se considera sobrinho afetivo do escritor, visto como a esposa de Sales era irmã do genitor do autor de *Baú de ossos*⁴, *Balão cativo*, *Chão de ferro* e *Beira-mar*, no primeiro dos quais interessantes depoimentos existem, relativos ao “tio Sales”.

Antônio Sales, pode dizer-se, foi a personificação abrangente do chamado *homem de letras* e não, especificamente, o poeta, o cronista, o jornalista, o dramaturgo, o romancista, que tudo isso ele foi, tendo arcado, naturalmente, com a desvantagem de uma certa e virtual diluição, no conjunto da obra. Tal como ocorreu com seu ilustre conterrâneo Gustavo Barroso, cuja obra, avultadíssima e variada, aqui e ali, chegou a ser quase circunstancial na motivação, embora lhe permanecesse a riqueza estilística, inerente ao grande escritor.

No tocante a Sales, leve-se em consideração que, de 1890 até seu desaparecimento, na Fortaleza, em 1941, foi ele uma espécie de nume

⁴ Pedro Nava. *Baú de ossos*. Rio de Janeiro, Editora Sabiá, 1972.

tutelar, primando em manter-se machadianamente, vamos assim dizer, em permanente contato com o variável e evolutivo meio literário de sua terra, mas sem jamais deixar-se bandear para esta ou aquela nova corrente estética, tendo, como seu mestre, o cuidado de também não parecer um *arcaico*. Daí a quase singeleza de seu estilo destituído das palavras raras, dos tropos discursivos, mesmo na poesia e, muito mais acentuadamente, na prosa.

Já assim nos pronunciávamos, referentemente ao autor de *Trovas do norte*, quando escrevemos a apresentação crítica da sua *Obra poética*⁵ reunindo toda a sua produção em verso, escoimada a edição alentada do livro *Fábulas brasileiras*, de quadras esparsas, epigramas e outras produções menos representativas, e que foi uma iniciativa da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará. Na ocasião, escrevamos:

Tendo vivido plenamente a época de ouro do parnasianismo brasileiro, quer através de possíveis influências à distância, quer, e por longo tempo, em contatos diretos com os poetas do famoso 'Grupo', no Rio de Janeiro, onde viveu e fez literatura e periodismo, ao lado de suas atividades de burocrata do sistema fazendário nacional, Sales, por via talvez de alguma determinação inconsciente, jamais conseguiu, ao nosso modo de interpretar, mostrar-se inteiramente jugulado às regras anímicas e formais da escola lecontiana.

Tendo atuado ativamente, na vida criativa, por espaço de meio século, criou-se em plena aura do romantismo em decadência, fez-se poeta adulto já nos domínios do parnasianismo (correspondente, em poesia, ao naturalismo-realismo da prosa de ficção) rendeu suas homenagens ao simbolismo, só não concordando em fazer-se modernista, à feição de seu contemporâneo dos dias de fundação da Academia Brasileira de Letras, o romancista de *Canaã*, Graça Aranha.

Pela consulta que se faça à bibliografia de Antônio Sales, verificar-se-á que, embora não das mais numerosas, foi sua obra das mais variadas, pois ele fez poesia lírica, em *Versos diversos* e *Trovas do norte*, o teatro musicado e o teatro de sátira política, respectivamente, em *A política é a mesma* e o *Matapau*, a poesia épica debruçada sobre o seu chão e a sua gente, em *Minha terra*, a memorialística, em *Retratos e lembranças*, obra já antes citada, sem esquecer-se o perigoso e manhoso satirista que, por largo tempo, no Rio como no Ceará, através da imprensa, esgrimia, com a arma contundente da trova, contra homens e coisas do poder constituído, ou visando a certos hábitos e costumes da sociedade em que vivia. Desta última faceta, no livro *Baú de ossos*, o memorialista Pedro Nava, ao pretexto de

⁵ Antônio Sales. *Obra poética*. Organização de Braga Montenegro. Apresentação crítica de Otacílio Colares. Notas de Sânzio de Azevedo. Fortaleza, Publicação da Secretaria de Cultura do Ceará. 1968.

lembrar sua infância no Rio, às voltas com o tio por afinidade, transcreve uma série de trovas nesse gênero.

Atenhamo-nos, porém, que este é o nosso fim precípuo, à personalidade e à obra ficcionista compendiada de Antônio Sales, que, aliás, se restringe a um livro único, o romance *Aves de arrição*, visto que o seu tanto tempo anunciado como em preparo, em vida do escritor, *Estrada de Damasco*, segundo depoimento a nós feito pelo já citado Pedro Nava, em carta que conservamos, é um romance apenas começado e, assim, de dimensões e desenvolvimento precário, no que ficou dele escrito⁶.

Aves de arrição, seu autor seguindo uma como tradição dos romancistas românticos nacionais, foi primeiro publicado em folhetins, no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, àquele tempo desenvolvendo o escritor intensa atividade periodística na antiga Capital da República.

Da repercussão do romance em sentido encomiástico não há, pelo menos facilmente, depreender-se, visto José Veríssimo, ao escrever a resenha crítica intitulada *Alguns livros de 1902*⁷, mesmo sendo amigo e admirador do escritor cearense, não aludir ao mesmo, dedicando especial atenção a *Canaã*, de Graça Aranha, e *Os sertões*, de Euclides da Cunha, embora não haja omitido o nome de Sales, como poeta (*Poesias* — edição definitiva, Rio de Janeiro, H. Garnier, 1902), como se pode verificar do trecho que vai transcrito:

Um ano que deu esses dois extraordinários livros, cada um no seu gênero, *Canaã*, do Sr. Graça Aranha, e os *Sertões*, do Sr. Euclides da Cunha, e romances como *A falência*, de D. Júlia Lopes de Almeida, e *A todo o transe*, do Sr. Emanuel Guimarães, viu estréias na poesia como as dos *Versos*, do Sr. Mário de Alencar, e de *Turrís eburnea*, do Sr. L. Edmundo — e edições ou reedições, aumentadas, de poetas, os Srs. João Ribeiro, Lúcio de Mendonça, Afonso Celso, Olavo Bilac, Antônio Sales, Magalhães de Azeredo — e eu poderia citar, entre novas e renovadas publicações ainda meia dúzia de bons livros, como a nova edição da *História da literatura brasileira* do Sr. Sívio Romero, e o livro com que se estreou na crítica o Sr. Magalhães de Azeredo, *Homens e livros* — não é, no nosso meio e condições, um ano safaro para as letras nacionais.

Vê-se, pois, que, a não ser admitida, como comportamento específico de Veríssimo, o não registro de obras em folhetim, por seu caráter ainda não definido como obra de arte acabada, há de pensar-se

⁶ O escritor Pedro Nava mantém consigo, no Rio, todo o espólio literário de Antônio Sales e já se comprometeu, em carta ao autor desta apresentação, presenteá-lo à Academia Cearense de Letras, tão logo a mais velha organização no gênero em todo o país proporcionar uma sala especial para acolhida condigna do precioso acervo.

⁷ José Veríssimo. *Alguns livros de 1902*, in *Estudos de literatura brasileira*, 4. vols. Rio de Janeiro, H. Garnier, 1895-1904.

que não pôde dar ele realce ao romance de Sales, no confronto, que teria de ser feito, com os que arrolou, à frente o *Canaã*, de Aranha...

AVES DE ARRIBAÇÃO, ROMANCE DIFERENTE

Antônio Sales, temos a impressão, lá no seu íntimo, não se considerava inteiramente um ficcionista, quando empreendeu, para publicação em folhetim, a modos de experiência, aquilo que subtitulou “novela cearense”, que assim ocorreu ao seu livro *Aves de arribação*, quando de sua primeira edição em volume, no ano de 1914.

Sente-se, da leitura meticulosa e lenta que se faça das 409 páginas do livro, que este é inteiramente diverso do contexto ficcional do Ceará literário da contemporaneidade do escritor.

Situado, cronologicamente, já fora da onda estabelecida e predominante do naturalismo, cujo apogeu, no Brasil, e no Ceará até de modo exacerbado, se estabeleceu entre 1880 e 1910, o livro de Antônio Sales, em seu conteúdo e forma, até certo ponto, justifica a declaração que faria hodiernamente e de forma sempre segura, Otto Maria Carpeaux⁸ de que “Domingos Olímpio foi um dos últimos naturalistas da literatura brasileira.”

Na verdade, se o ilustre crítico de *Presenças* outra coisa não houvesse realizado, ao longo de sua significativa vida literária no Brasil, sua pátria de adoção, teria tido o indiscutível mérito de, apesar de europeu, ou talvez em razão disto, haver compreendido o escritor e a literatura brasileiros, portadores, um e outra, de peculiaridades que os impossibilitam de uma conformação a qualquer sistematização nos moldes tradicionais da classificação européia. Daí haver, complementando sua opinião sobre o autor de *Luzia-homem*, escrito:

Usando esse estilo para os fins do regionalismo literário, tornou-se um precursor do moderno romance nordestino.

Ora, se o mestre Carpeaux considerou que Domingos Olímpio, em *Luzia-homem* (1903), ainda traindo teses científicas preconizadas pelo naturalismo, como no caso da duplicidade psicofísica da protagonista, já se diferenciava, e muito, dos congêneres de autoria de Júlio Ribeiro, Aluizio Azevedo, Adolfo Caminha, Valentim Magalhães e Lúcio de Mendonça, mais teria reforçada a sua afirmativa, se se houvesse apoiado no romance (o autor denominou *novela*) de Antônio Sales. Um romance sem dúvida regionalista, mas de um regionalismo em que o regional nem é violentamente flagrado nas

⁸ Otto Maria Carpeaux. *Pequena bibliografia da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1971.

suas nuances trágicas ou sexuais, nem tampouco caracterizado pelo sentido caricatural, como foi vezo de certa ficção, em determinado tempo, sobretudo no sul, exemplo dela, nalguns passos, a obra de Monteiro Lobato, com a criação de tipos como Jeca-Tatu.

Aves de arribação, do início do Século XX, quanto ao surgimento, foi, não há dúvida, uma estória pensada e composta nos finais do passado século. Daí ser importante a sua fuga por assim dizer determinada aos padrões intelectivos e estilisticamente bombásticos do naturalismo, podendo ser enquadrado no âmbito do que chamaríamos regional-psicológico-costumista, neste complexo interferindo no regional o sentido bucólico, ou seja, romântico-realista.

Ao longo do seu entrecho, tudo, a partir da sobriedade de estilo, que se situa entre o de Taunay e o de Machado, tudo faz com que o romance (ou novela) se distancie dos romances naturalistas, também cearenses e da mesma faixa cronológica, de Rodolfo Teófilo, Pápi Júnior, Adolfo Caminha e mesmo Domingos Olímpio, posto à margem, por via de características especialíssimas, *Dona Guidinha do Poço* e seu autor, Oliveira Paiva.

Não vai mal, nesta oportunidade, para apoio nosso, ao longo do que virá sobre o livro de Sales, a assertiva do já citado mestre Carpeaux, quando, em seu livro *Presenças*⁹ em estudo intitulado "Períodos da literatura brasileira":

No romantismo existia, de início, um elemento realístico. Essa observação serve para esclarecer melhor o caso do romântico meio-realista Visconde de Taunay, assim como a contemporaneidade do realista Manuel Antônio de Almeida com aqueles poetas românticos (Alvaro de Azevedo, Junqueira Freire e Fagundes Varela). Mas não serve para esclarecer o realismo especificamente anti-romântico, ou melhor a-romântico de Machado de Assis.

Para concluir:

Em certo sentido, a mentalidade romântica é onipotente na literatura brasileira de todos os tempos. Por isso mesmo ocupa Machado um lugar à parte; e José Veríssimo não sabia colocá-lo senão no último capítulo do seu livro, fora da construção histórica.

Com referência a *Aves de arribação*, diremos do ficcionista Antônio Sales o mesmo que, em nossa apresentação de sua *Obra poética*, dissemos do poeta: que ele não se filiou a esta ou àquela corrente; se não foi de todo a elas infenso, soube tirar de cada uma delas as notas e cores que iriam servir à sua pauta ou à sua tela, tornando sua obra artística algo consideravelmente infenso, defeso e personalíssimo. Isso não impediu de, talvez por falsa modéstia, encarar como extraordinárias obras que teriam traído exageros de es-

⁹. Otto Maria Carpeaux. *Presenças*. Rio de Janeiro. Instituto Nacional do Livro, 1958.

cola ou foram frutos de inexperiência, como as de Teófilo e Domingos Olímpio.

Para ilustrar o que se afirmou, transcreve-se opinião do autor de *Aves de arribação* sobre *Luzia-homem*:

Luzia-homem é um desses livros que servem de colunas ao edifício literário nacional. Romance regionalista, há nele vida universal bastante para não interessar somente ao rincão que o inspirou, mas para dar-lhe os toros de romance nacional e, como tal, refletir a vida humana sob a forma que lhe deram as tradições, o clima e as condições econômicas, como elementos componentes da gênese brasileira.

Conhecido o temperamento *sui-generis* do satirista da seção *Pin-gos e respingos* do *Correio da Manhã*, não deixa de ser interessante observar que todas as qualidades realçadas por ele no romance do conterrâneo nada mais são do que uma projeção, aqui e ali defeituada e lacunosa, em *Luzia-homem*, do contexto ficcional e formal de *Aves de arribação*, que esse, sim, sem maior demérito ou menos-cabo para o outro, é uma bem-apanhada tela, reunindo toda uma vasta e bem-observada gama de comportamentos do povo e terra cearenses e — por que não? — nordestinos.

Aves de arribação, que alguém, evidentemente por ignorância absoluta do texto, chegou a classificar no chamado *romance das secas*, é, dentro da quadratura ficcionística brasileira em geral e em especial da cearense, um romance que foge, em tudo ou quase tudo, à regra dominante em sua época, ou seja, a do predomínio ainda da escola naturalista, à qual não puderam fugir Rodolfo Teófilo, Pápi Júnior e Domingos Olímpio, em cujos romances mais representativos, respectivamente, *A fome* e *O paroara*. *O Simas* e *Luzia-homem*, a par da nota regionalista no tocante ao documental, geralmente patético, e ao paisagístico, predominam as teses sociais implícitas e o exacerbado cientificismo, que chega ao cúmulo no linguajar...

É um romance (ou novela) em que o psicológico está a impregnar a feição costumista, não dimanando de seu contexto a preocupação da crítica e, sim, tão-somente, a observação, ora puramente intelectual, ora mais sensitiva, podendo dizer-se que *Aves de arribação* atingiu o regional, mesclando-o com o psicológico, o que significa dizer, universalizando-o. Então, ocorre-nos defender a tese de decisiva influência de Machado de Assis, embora não ostensiva e, sim, sub-reptícia.

Quando Antônio Sales subtitulou seu romance *novela cearense*, quis, evidentemente, levar os leitores do *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro, os primeiros, e os subseqüentes, os do romance já em livro, a uma visão quanto possível perfeita do regional puro, ou seja, das peculiaridades da gente e da terra de uma parte muito *sui-generis* da região nordestina. Essa que chamaremos infra-regionalidade é

que, talvez, não haja despertado, para o romance, ao seu surgimento, a sensação de impacto favorável e interessado, fato a que esteve atento Nelson Werneck Sodré¹⁰ que, no capítulo de sua *História da literatura brasileira*, intitulado, com muita expressividade, “O episódio realista”, diz de *Aves de arribação* que “suas qualidades passaram despercebidas na época.”

Consideremos que a pouca sensação causada pelo romance de Antônio Sales, na forma de folhetim, possa dever-se ao que chamaremos de *bom comportamento* em que ele se desenrola. É uma estória sem tragédias flagrantes, de um sensualismo aqui e ali repontante mas velado, longe dos moldes violentos dos livros de Adolfo Caminha e da rudeza crua das cenas e ambientes dos de Teófilo. Seu autor não intelectualiza, pervertendo, em transbordamentos, as figuras centrais, como no caso de Lenita, no romance *A carne*, de Júlio Ribeiro. Também, no tocante ao estilo, nada tem do discursivo e por vezes lusitanista de *O Simas*, de Pápi Júnior, nem do aqui e ali por demais à base do tropo pelo tropo, tão comum em Aluísio de Azevedo.

Justamente nesse comedimento ao desenvolver dos temas, bem assim no estilo, está o que mestre Tristão de Athayde, ao tempo em que se estreava com galhardia na crítica periodística, considerava virtude em Sales, o qual, como crítico, era citado pelo autor de *Estética literária*, quando assim comentava o livro *Sertão*, do seu contemporâneo e festejado Coelho Neto:

“As novelas deste livro traduzem todas elas assunto de vida campestre, mas com uma tal mescla de fantasia, que a gente é obrigado a dizer do seu ‘sertanismo’ o mesmo que Heine, porventura injustamente, disse do lirismo de Vítor Hugo — *forcé et faux*. O título requeria a meu ver mais justeza de traços e mais cor local nas tintas.”

É de verificar-se que, em Antônio Sales, desde moço, o espírito crítico se desenvolveu de modo preponderante, levando o contador de estória ao mesmo cuidado, ao quase labor da “Profissão de fé” de Bilac, no descrever e narrar, que revelava na tessitura do verso, o qual sempre lhe saiu finamente cinzelado, fosse tema a estatuária grega, a ave canora e rica de matizes do sertão, o sorriso claro e a brejeirice sensual da cabocla sertaneja.

Faltou-lhe, na ficção, ao tempo em que era moda, a eloquência verbal, o estardalhaço do escândalo, a veemência na exploração dos temas chocantes. Daí o cuidado que teve, quando, na *Nota ao leitor*, que antecede o texto da edição em livro, datada de 1913, dá rápida explicação do aparecimento de *Aves de arribação*:

¹⁰ Nelson Werneck Sodré. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1964.

A crítica encontrará, por certo, muitas falhas e inexperiências, que já são sensíveis para mim agora; mas encontrará também, espero, *páginas em que estão pintados fielmente alguns aspectos e alguns costumes desta minha terra, tanto mais sofredora quanto mais querida* [grifos nossos].

Como se verifica, o autor não quis, com seu romance, contundir, que sua arte, desdobramento em seu caso especial, sempre foi o reflexo de uma singular personalidade que a escritora Rachel de Queiroz bosquejou com amor e fidalguia, quando escreveu a apresentação de *Aves de arribação*¹¹ para sua 3ª edição:

...Era um indolente, cético, carecia de ambição, sem a qual não sobe muito o escritor profissional. Não cortejava a glória literária, antes ria-se dela. Como já disse, poderia ter sido tudo que os grandes nomes literários costumam ser neste país: ombreou com todos, era igual aos melhores, mas, como dizia, às vezes —, não tinha peito nem fôlego para esses páreos.

Aves de arribação soube ser um romance eclético, quando não quisermos dizê-lo uma estória de conteúdo romântico, na preocupação que teve o filho amante de sua terra em não mostrá-la, como sempre acontecia com os naturalistas, e ainda hoje ocorre, com os chamados neo-realistas, pelo lado da tragédia: a seca, a fome, o banditismo, os tremendos descompassos sociais, a política revoltante e feudal; antes, pintando, a modos do Taunay de *Inocência* (1872), um Ceará verde, na pacata normalidade subsequente a períodos chuvosos, de molde a revelar, com suas tintas por assim dizer de miniaturistas, ora a serena alegria do campo, o encanto rústico do trabalho no eito, a natureza em sua equilibrada manifestação, ora na umidade da mata exalando o acre e variegado perfume, ora o bucolismo garretiano dos entardeceres, mas demorando-se o romancista, de preferência, salientamos, machadianamente, no retratar, incisivo se bem que sutil, dos personagens, ora com ternuras de um Alencar, ora com o sentido caricatural de um Lima Barreto.

Aves de arribação, se não nos contentar para ele a denominação simplista de romance eclético, poderá ser qualificado como um romance regional-psicológico, implicando tal psicologismo preocupação realística, nos moldes em que se apresentou, a partir do autor de *Quincas Borba*, a escola que iria, com o tempo, desdobrar-se na ficção de Lima Barreto e, na posterior, de Ciro dos Anjos.

Mas, não se vá pensar que, em *Aves de arribação*, não haja Antônio Sales rendido, em cota pequena mas sensível, tributo à escola então predominante. Disto sirva como exemplo aquele trecho impregnado de sabor sensual em que o moço Alípio, promotor na pequena cidade onde se aclimara e era requestado por todas as jovens casadoiras de Ipuçaba, vê-se entre dois fogos, ou seja, entre

¹¹ Antônio Sales. *Aves de arribação*. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1965.

dois caracteres bem diversos de mulher moça e bonita, a saber: Luizinha, morena, despachada, determinada e sensual, e a prima Flozinha, esta romântica, como saída de uma estória de Feuillet, de beleza recatada e tímida, mas nem por isso menos atraente aos olhos do rapaz.

Ao longo do romance de 409 páginas da primeira edição em volume¹², o moço *pracião* divide suas preferências sensuais e espirituais entre essas duas feições diversas do chamado encanto feminino. Mas não se venha a pensar que o sexo seja, em *Aves de arribação*, como nos romances mais representativos do naturalismo brasileiro, a razão primeira do entrecho: é ele, o sexo, apenas um toque de *realismo*, já que tudo ocorre incidentalmente, como decorrência quase circunstancial, jamais como meta a ser colimada.

No trecho que selecionamos para exemplificar, é ele parte de um contexto paisagístico de atmosfera mitológica à Richepin, se não quisermos, um tanto prosaicamente, acoimá-lo de ecológico e meramente costumista.

Alípio, o jovem promotor, em dúvida permanente entre uma e outra das primas, sai, certa manhã à caça, que lhe foi farta, pois era no após-inverno. Com a palavra, em pinceladas de mestre, o narrador.

E carregado com os despojos, em meio da aclamação dos outros pássaros que por aquele dia ele resolvera poupar, já vinha Alípio, radiante, pensando na ovação que lhe seria feita pelos habitantes da Varjota. Já ia transpor o riacho quando ouviu uma risada clara subir cristalinamente do caminho, a pequena distância. A palhoça, construída para banheiro, sobre o riacho, estava ali ao pé, toda afogada do lado oposto à entrada, no marmeleiral oloroso e folhudo. Instintivamente o rapaz recuou e escondeu-se no mato para não ser visto pelas moças ali ao pé do banheiro, e ia dar uma volta por uma vereda, contando transpor o riacho um pouco acima, quando uma nova risada mais próxima o conteve, e de uma curva do caminho ele viu surgir Luizinha a correr, cabelo ao vento, saias esvoaçantes, a agitar a toalha de banho para a prima, que a seguia de perto. Então Luizinha, de cansada, deixou-se cair na relva, e a outra imitou-a, ambas ofegantes, afogueadas da corrida, e ali ficaram a conversar, para “esfriar o corpo”.

Alípio já não pensava na sua manobra de retirada, porque uma tentação indomável se apossara dele, fazendo-o tremer nervosamente da cabeça aos pés, com um latejar vertiginoso das têmporas. Aproveitando o momento em que as duas moças se entretinham numa conversa que apenas lhe chegava aos ouvidos como um rumor indistinto, ele esgueirou-se por entre o marmeleiral, alcançou o fundo da palhoça, acocorou-se, e logo seus olhos puderam, através de uma frincha do tapume, tão propícia como se houvesse sido praticada propositalmente, devassar todo o interior. E ali ficou tremente, palpitante, voltando-se ao zumbir de um besouro, ao ruflar de uma asa, arrependendo-se por momentos de seu procedimento, mas incapaz de vencer a tentação. Houve um

¹² Antônio Sales. *Aves de arribação* (Novela cearense). Lisboa, Tipografia A Editora Limitada, 1914.

instante em que esteve a ceder a um repelão mais forte da consciência; porém era talvez tarde para mover-se sem ser presentido. . . As vozes se aproximavam, e as moças entraram, fecharam a porta, enfiando a alça de relho num gancho da estaca que servia de portal.

Elas ainda estiveram algum tempo como indecisas, relanceando os olhos pelo recinto, e isso parecia uma suspeita a Alípio, que tirou os olhos da frincha, encolheu-se todo, enquanto o coração lhe batia desordenadamente no peito e os olhos se lhe escureciam a uma ameaça de vertigem. Mas a crise passou, seus olhos se assestaram de novo. Simultaneamente as banhistas tiraram os casacos, puseram-nos sobre uma corda estendida de uma parede à outra; desacolchetearam as saias de chita, que lhes escorregaram lentamente pelos quadris; caíram depois as saias brancas, e a parte inferior do corpo ficou somente coberta das camisas ralas e curtas, que cobriam, sem encobrir, do meio da perna para cima; para baixo era a nudez completa, pois elas tinham ido sem meias. Por fim as mãos começaram a desabotoar o corpinho, e os seios alvorejaram através da renda das camisas.

Alípio, na ânsia febril de ver, via pouco porque lhe passavam sombras diante dos olhos e atrapalhava-se em contemplar as duas ao mesmo tempo. Resolveu fixar-se em Florzinha, mas esta se acocorara à borda do riacho sem tirar a camisa, ao passo que a outra despiu resolutamente a sua e ficava de pé, a consertar o cabelo, inteiramente nua, numa impudência pagã de ninfa, saltando por fim n'água numa cambalhota de peixe que se diverte. Florzinha, friorenta e pudica, permanecia sobre a ribanceira; mas a prima, enchendo as mãos d'água, ameaçou encharcá-la. Então, curvada como estava, ela tirou a camisa, ergueu-se um pouco, tomou impulso, oscilou um segundo no ar e caiu de cabeça para baixo, enfiando-se n'água escura como uma seta de prata.

Tudo foi tão rápido que, por trás do tapume, Alípio, com uma sensação de deslumbramento, já mal sabia o que vira, tendo entretanto consciência de haver contemplado perfeições nunca vistas em todas as nudezas oferecidas a seus olhos. A água apenas chegava um pouco acima da cintura; mas Florzinha se conservava encolhida, mergulhada até o pescoço, enquanto a companheira, ora se pompeava erecta, ora boiava à tona de costas e de braços, dava rabanadas que lhe exibiam o corpo inteiro, mergulhava espetando para o ar as pernas morenas e grossas, fazia enfim todas as evoluções peculiares às crianças sertanejas nesses banhos ao ar livre.

Luizinha saiu d'água com a mesma desenvoltura com que entrara, e, depois de um pouco rogada, atirou à prima o lençol em que esta se envolveu, para sair também. Ao vestir-se teve ela contudo alguns desasos que permitiam ao sátiro oculto completar o conhecimento de sua plástica inteira. As roupas foram enfiadas peça por peça, e dentro em pouco as duas náides de um momento desapareciam sob as vestimentas. O animal se ocultava nas roupas solicitadas primeiro pelo conforto e perpetuadas depois pelo pudor: de fora ficaram apenas as partes espirituais do corpo — o rosto que sorri, chora, exprime a cólera ou o medo, e as mãos que atraem, acariciam ou flagelam.

Aí está, na citação que reconhecemos longa porém das mais impressivas como narração, o escritor no pleno domínio de sua arte. Não há rebuscado nem pompa de frases, mas não há também uma única concessão ao vulgar. Não há licenciosidade; há mesmo um certo apelo ao último na sensação, despertada no leitor, de um ambiente

edênico, no qual o pecado permanece numa atmosfera que se torna quase mítica, por meio dos olhos do fauno escondido na umidade da mata, não passando o sexo da pura e alumbrada contemplação. Tendo, no caso, chegado a atrevimento a que não chegara Machado de Assis, Antônio Sales soube, contudo, cingir-se, em sua estória, aos limites da pura poesia dionisíaca. Não fora ele, antes de tudo, um poeta. . .

Mesmo na cena atrás transcrita, há, quando não predominante, sensível, a preocupação costumista, documental: o hábito do banho de rio, comum aos das melhores castas e aos da mais ínfima condição; o costume venatório, entretenimento de ricos, por desfasto, e de pobres por necessidade, a descrição, em traços incisivos, do banheiro de palhas, semimergulhado na parte remansosa e pouco turbulenta da corrente. Isto sem esquecer, por também documental que é, a frincha já aberta entre as palhas do citado banheiro, traindo usanças de outros espectadores, indicando que “bispar” moças no banho de rio faz parte, e sempre fez, do contexto sertanejo, mormente na quadra invernososa, quando as libidos afloram. . .

Uma análise mais completa e circunstanciada de *Aves de arribação*, romance verde e úmido, antítese do clássico Ceará das secas, mostra ao leitor, mormente o dos nossos dias, impregnado do artificialismo moderno, todo um rol de elementos típicos que, na sua maioria, estão desaparecidos ou então desfigurados.

No campo das outras figuras humanas, há muito que observar, entre o pároco avocacional e argentário e o moço aventureiro alienígena, que, a golpes de ousadia e da boa fé de alguns, acaba por impor-se no seio da comunidade interiorana, arruinando comercial e moralmente o homem que lhe dera a mão, o comerciante de poses e de prestígio político; entre o tipo popular de rua e a malícia antológica das comadres. Antônio Sales, mais que Rodolfo Teófilo e Domingos Olímpio e talvez apenas igualado, relativamente, pelos contemporâneos Oliveira Paiva e Pápi Júnior, soube esvurmar a intimidade desses personagens, dando a cada um, na sua aparente pouca importância, uma valia que muito irá concorrer para a riqueza de conteúdo humano do conjunto.

Aves de arribação, como bom romance regional de contextura universal, está a necessitar de mais fundos estudos e de maior conhecimento das novas gerações brasileiras, sobretudo porque foi composto com senso de observação, humor e muito amor, e sobretudo num estilo que não souberam ou não quiseram utilizar os escritores seus contemporâneos.

Fortaleza, janeiro de 1979.